



BOLETIM INFORMATIVO – ABENFO/SP

Órgão de Divulgação da Associação Brasileira de Obstetras e Enfermeiros Obstetras – Seção São Paulo
Congrega Enfermeiros Neonatologistas e Especialistas na Área de Saúde da Mulher e é Vinculada a ABEn

Ano 17 – número 54 – Março/Abril 2013

□ EDITORIAL

PARTEIRA: MUITOS NOMES, UMA ÚNICA IDENTIDADE

A carreira de obstetrix é uma das mais antigas do mundo. Denominada *midwife* em inglês, *sage-femme* em francês, *hebamme* em alemão, *josanfu* em japonês, *matrona* em espanhol, a parteira profissional faz parte do cenário de atenção à mulher em quase todo o mundo civilizado. No Brasil, a fusão do curso de formação de obstetrixes com a carreira da enfermagem, na década de 1970, interrompeu por quatro décadas a colaboração dessas profissionais na atenção ao parto e nascimento no país.

Quando a carreira foi recriada em 2005, de forma independente da medicina e da enfermagem, houve uma série de questionamentos sobre o lugar das profissionais na assistência a gestantes e parturientes e a especificidade da atuação em relação à enfermagem obstétrica. A grande barreira, ao final, veio do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen), com a negação do registro profissional aos egressos do Curso de Obstetrícia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Esses registros profissionais só eram emitidos sob liminar da justiça, o que obrigava cada recém-formado a entrar com uma ação jurídica individual contra o Conselho.

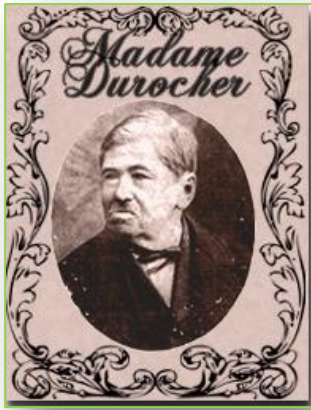
Foram longos anos de uma difícil luta para os formandos, que ainda sem emprego e sem ganhos, se viram obrigados a contratar advogados e aguardar meses a fio até a obtenção do registro que daria a eles o direito de trabalhar. Para organizar a luta, os egressos criaram uma associação que passou a encaminhar as ações, não só pela obtenção do registro, mas pela inserção das obstetrixes no mercado de trabalho - a Associação dos alunos e ex-alunos do Curso de Obstetrícia da USP (AO-USP). Após incansáveis idas e vindas, ações, liminares, processos, defesas e intensa mobilização e envolvimento de docentes, em especial, da professora Elisabete Franco, o Ministério Público Federal obrigou o Cofen a autorizar a emissão do título diretamente a cada profissional recém-formado. E ao final de 2012, quatro anos após a formatura da primeira turma de obstetrixes, elas começaram a colher os frutos desses anos de luta.

Abril é o mês das(os) obstetrixes (ou parteiras profissionais, pelas definições internacionais). A Abenfo-SP, a AO-USP e todos os profissionais que se preocupam com a qualidade da assistência à mulher comemoram juntos a grande vitória dos profissionais do curso da EACH-USP e anseiam pela criação de cursos similares em outras regiões do país. O modelo de ensino baseado na integração dos saberes das disciplinas biomédicas e humanas, desenvolvido ao longo de quatro a cinco anos, com intenso foco na gestação, parto, pós-parto e neonato e ancorado no cuidado baseado em evidências, são os pilares da formação de parteira profissional que o país necessita. É o que vem conferindo aos egressos do curso uma forte identidade e aliança de classe com a profissão da parteira, qualquer que seja o nome dado a ela, qualquer que seja seu local de atuação.

Que a nova geração de obstetrixes possa conviver com as bem especializadas enfermeiras, com as dedicadas doulas, com os médicos bem formados para o atendimento de alto risco, com neonatologistas precisos para os bebês que requerem seus cuidados especiais. Que possam, unidos, ver o amanhecer de uma nova era na obstetrícia brasileira moderna, ao largo de uma tecnologia excessiva e onde seja possível cuidar de cada mulher e cada bebê com conhecimento, profundidade, afeto, tempo e dedicação. Que nossas energias estejam voltadas ao que realmente interessa: saúde e melhores resultados para as mães e bebês.

Ana Cristina Duarte
Obstetrix da primeira turma do Curso de Obstetrícia da EACH-USP

□ HOMENAGEM



A primeira parteira formada no Brasil

Maria Josephina Matilde Durocher nasceu no dia 6 de janeiro de 1809 em Paris, França. Com sete anos veio ao Brasil com sua mãe, uma costureira e florista que abriu uma pequena loja de moda na Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro. O negócio prosperou e Maria Josephina ajudava a mãe na administração e confecção de roupas. Recebeu educação elementar, como era a regra entre as mulheres da época e casou com um comerciante francês, com quem teve filhos. Em 1829, quando sua mãe faleceu, a loja entrou em decadência e Maria Josephina enfrentou uma reviravolta em sua vida, com a perda da loja e o assassinato de seu companheiro. Com 23 anos e dois filhos para criar, Maria Josephina decidiu dedicar-se a prestar assistência às parturientes, como fazia uma amiga de sua mãe. Em 1833 foi estudar com o médico negro Joaquim Cândido Soares e, em 1834, ingressou no Curso de Obstetrícia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nesse tempo as faculdades não permitiam estudantes femininas no curso de Medicina. Foi a primeira parteira formada no Brasil. Nessa mesma época naturalizou-se brasileira e iniciou uma bem-sucedida carreira na capital do Império. Para os padrões femininos da época, era uma figura bizarra: bastante hirsuta, vestindo um chapéu e pesados trajes masculinos - Madame Durocher, como ficou conhecida, foi parteira da Corte e acompanhou o nascimento dos netos do imperador D. Pedro II. Reconhecida no meio médico, em 1871 foi nomeada membro titular da Academia Nacional de Medicina pelo próprio Imperador e, por cinco décadas, foi a única mulher aceita como membro nessa instituição. A parteira Madame Durocher clinicou durante 60 anos, atendeu a cerca de 6.000 partos em um Rio de Janeiro povoado por menos de 100.000 pessoas. Teve a mais importante clínica obstétrica da corte

do Rio de Janeiro no século XIX e foi a primeira mulher no Brasil a assinar textos científicos na área da Medicina. Faleceu longeva, com 84 anos, praticamente cega. Ainda assim, as parteiras mais jovens insistiam em levá-la aos partos, mesmo que somente para dar “sorte” e inspirar confiança. Resgatar personagens históricos e apresentá-los as novas gerações é uma tarefa sempre necessária, afinal, quem ignora o passado não consegue valorizar o presente.

Texto elaborado a partir de conteúdo da página do CNPq versando sobre as pioneiras da ciência do Brasil, <http://www.cnpq.br/web/quest/pioneiras-da-ciencia-do-brasil>.

□ SUGESTÕES DE ARTIGOS

Sífilis congênita no Ceará: série histórica ascendente

Chaves da Costa C et al. Sífilis congênita no Ceará: análise epidemiológica de uma década. Rev Esc Enferm USP 2013; 47(1):152-9. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reesp/v47n1/a19v47n1.pdf/>

Súmula: Estudo documental realizado a partir do banco de dados disponível no Núcleo de Informação e Análise em Saúde, que contém informações do Sistema Nacional de Agravos e Notificação (SINAN) da Secretaria de Saúde do Ceará. Os objetivos foram avaliar a incidência da sífilis congênita no Ceará de 2000 a 2009; descrever o perfil epidemiológico das gestantes cujos recém-nascidos tiveram sífilis congênita e verificar a realização do pré-natal e do tratamento dos seus parceiros. A população do estudo foi composta por todos os casos de sífilis congênita notificados no SINAN, no período de 2000 a 2009. Foram notificados 2.930 casos de sífilis congênita, demonstrando uma série histórica ascendente ano a ano. A maioria das gestantes realizou pré-natal (2.077; 70,9%), possuía de 20 a 34 (1.836; 62,7%) anos, nenhuma ou pouca escolaridade (1.623; 55,4%). O tratamento inadequado das gestantes e a falta de tratamento dos parceiros mostraram-se como realidade no SUS-CE. A incidência de sífilis congênita é um indicador da qualidade da assistência pré-natal. Logo, seu aumento nos últimos dez anos ressalta a necessidade de ações voltadas para seu controle. Para a melhoria dessa realidade, os autores destacam a necessidade de participação dos profissionais de saúde, especialmente do enfermeiro, em atividades de educação em saúde que abordem a prevenção da doença; a necessidade de capacitação das equipes da

Estratégia de Saúde da Família, que têm muito a colaborar visto tratar-se da porta de entrada do sistema de saúde, possibilitando maior proximidade entre os profissionais e os usuários, especialmente os parceiros de gestantes infectadas para conseguir sua adesão ao tratamento; investigação para avaliar conhecimentos, atitudes e práticas dos enfermeiros responsáveis pela assistência pré-natal, visando compreender os fatores determinantes de oportunidades perdidas na abordagem da sífilis na gestação.

História Oral de Obstetrias: forte identificação profissional

Riesco MLG, Tsunehiro MA, Mott ML, Leister N. Do orgulho à resignação: educação e atuação profissional de obstetrias formadas pela Universidade de São Paulo. Cadernos de História da Ciência - Instituto Butantan 2011; 12(2):9-24.

(o artigo foi extraído de: Riesco MLG. Do orgulho à resignação: educação e atuação profissional de obstetrias formadas pela Universidade de São Paulo [tese livre-docência]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2008. Disponível em: http://www.teses.usp.br/index.php?option=com_jumi&ileid=20&Itemid=96&lang=pt-br).

Súmula: Estudo com objetivo de descrever e analisar a educação e atuação profissional de obstetrias formadas pela Universidade de São Paulo, até 1970. Estudo de natureza qualitativa, na vertente da História Oral, com base no projeto denominado “Lembranças do Nascimento: as parteiras e o atendimento ao parto na cidade de São Paulo (1930-1980)”, cujo objetivo é produzir e disponibilizar fontes das parteiras, obstetrias e enfermeiras obstétricas e do atendimento ao parto na cidade de São Paulo, no período de 1930 a 1980. As fontes orais foram entrevistas realizadas com dez obstetrias, em 2000 e 2001. Os critérios utilizados para a inclusão dos dez depoimentos foram ser obstetria formada pela USP e ter atuado na cidade de São Paulo. Das dez obstetrias entrevistadas, quatro ingressaram no curso entre os anos de 1940 e 1957 e seis, entre os anos de 1962 e 1970. No primeiro período referido, a denominação era Curso de Enfermagem Obstétrica (título de Parteira e Enfermeira Obstétrica) e no período seguinte, Curso de Obstetrícia (título de Obstetria). Na época do ingresso, todas eram muito jovens, com idade variando entre 17 e 22 anos. As exigências para ingresso no curso foram crescentes e suas características indicam rigidez pedagógica, rigor disciplinar, carga didática volumosa, valorização do ensino prático e dedicação docente. As relações entre alunas, professores e profissionais

refletem a hierarquia estabelecida nos serviços de saúde. A entrada da obstetria mais antiga deste estudo no mercado de trabalho ocorreu na década 1940. As demais entrevistadas exerceram a profissão, em São Paulo, entre 1954 e o início da década de 2000. Nesse intervalo de tempo, superior a 50 anos, profundas mudanças ocorreram no sistema de saúde, no modelo de assistência ao parto e na formação, inserção e atuação dos profissionais. As obstetrias atuaram, principalmente, na assistência à mulher no parto, em serviços privados, filantrópicos e da rede pública, incluindo o Serviço Obstétrico Domiciliar. A partir dos anos de 1970, sofreram um processo de exclusão da assistência ao parto, sendo substituídas por médicos. Os discursos revelam um encantamento com a profissão, que sobrevive ao sentimento de resignação pela “quase extinção” das obstetrias, em São Paulo. É como se o sentimento de orgulho, latente em cada uma, reacendesse o brio que as acompanhou e acompanha, desde o dia em que decidiram que seriam parteiras, obstetrias, enfermeiras obstétricas. As autoras almejam que *“... a voz destas mulheres valentes e doces, que ajudaram tantas outras mulheres a terem seus filhos paulistanos, ecoe entre as futuras colegas, as obstetrias egressas da nova escola da USP, o atual Curso de Obstetrícia da EACH.”*

☐ PROGRAME-SE

CURSO: RECEPÇÃO DO RECÉM-NASCIDO NORMAL E REANIMAÇÃO NEONATAL

Ministrante: Profª Drª Angela Megumi Ochiai

Data: 11 de maio de 2013

Horário: 8h30 às 12h

Local: Escola de Enfermagem da USP

Endereço: Av. Dr. Enéas Carvalho de Aguiar, 419 São Paulo (SP)

Inscrições antecipadas: www.abenfosp.com.br

☐ AGENDA

COBEON

VIII Congresso Brasileiro de Enfermagem Obstétrica e Neonatal e II Congresso Internacional de Enfermagem Obstétrica e Neonatal

Data: 30 de outubro a 01 de novembro de 2013

Local: Florianópolis (SC) – Brasil

Data Limite para submissão de resumo: 14 de junho

Informações e inscrições:

<http://www.cobeeon2013.com/website/>

**1st EUROPEAN CONGRESS ON INTRAPARTUM CARE
– Making birth safer**

Data: 23 a 25 de maio de 2013

Local: Amsterdam - Holanda

Informações: <http://www.mcaevents.org/t/01/1st-european-congress-on-intrapartum-care/index.aspx>

XI WORLD CONGRESS OF PERINATAL MEDICINE

Data: 19 a 22 de junho de 2013

Local: Moscou- Rússia

Data limite para submissão de resumo: 19 de abril

Informações:

<http://www.mcaevents.org/t/01/wcpm2013-1/index.aspx>

**Congresso Internacional – GÊNERO(S) E SAÚDE:
(IN)DETERMINAÇÕES E APROXIMAÇÕES**

Data: 17 a 19 de outubro de 2013

Local: Coimbra – Portugal

Data limite para resumos: 30 de abril de 2013

Informações:

<http://www.esenfc.pt/event/event/home/index.php?target=home&event=110&defLang=1>

**The International Confederation of Midwives
30th TRIENNIAL CONGRESS – Midwives: Improving
Women’s Health Globally**

Data: 01 a 05 de junho de 2014

Local: Praga – República Tcheca

Informações: <http://www.midwives2014.org/>

✉ NOTA

Os interessados em divulgar eventos, opiniões e reflexões de interesse da Enfermagem Obstétrica neste Boletim, devem enviar à Comissão de Divulgação, por e-mail: abenfosp@abenfosp.com.br

□ AVISO

A ABENFO-SP é uma sociedade civil, sem fins lucrativos e com filiação facultativa. Para se filiar a ABENFO é necessário preencher ficha de afiliação e efetuar pagamento da anuidade do ano vigente. A ficha de inscrição está disponível no site da ABENFO-SP (www.abenfosp.com.br)

EXPEDIENTE

Boletim Informativo da Associação Brasileira de Obstetristas e Enfermeiros Obstetras, Seção São Paulo.

ABENFO – SP

Rua Napoleão de Barros, 275. Sala 03
Vila Clementino – São Paulo CEP: 04024 – 000

Telefax: (0xx11) 5539 3622

e-mail: abenfosp@abenfosp.com.br

Diretoria 2011 - 2013

Presidente: *Ruth Hitomi Osava*

Vice-Presidente: *Sandra Regina A. Neves Cason*

1^a Secretária: *Nathalie Leister*

2^o Secretário: *Geraldo Mota de Carvalho*

1^a Tesoureira: *Jaqueline Sousa Leite*

2^a Tesoureira: *Rita de Cássia S.V. Janicas*

Comissão de Educação, Serviços e Legislação:

Rosemeire Sartori de Albuquerque

Comissão de Estudos e Pesquisa: *Maria Alice*

Tsunechiro

Comissão de Publicações e Divulgação: *Olga Aparecida*

Fortunato Caron

Conselho Fiscal: *Márcia Massumi Okada, Larissa da*

Silva Farah e Mitsue Kuroki

Editora Chefe: *Isabel Cristina Bonadio*

Equipe Editorial: *Camilla Alexandra Schneck, Emilia*

Saito, Maria Alice Tsunechiro

Publicação mensal

Acesso gratuito no site ABENFO-SP